

Globalização - utopia e realidade

Miguel Jorge

Os aplausos ao discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na Assembleia Nacional da França mostraram que existem hoje dois Fernando Henrique Cardoso: um, que seus adversários inventam para consumo próprio; outro, o verdadeiro, para os países desenvolvidos.

O mais estranho é que os dois formam uma só pessoa, usam a mesma linguagem e têm as mesmas idéias. Elas são, no entanto, ouvidas de forma diferente – os opositores tampam os ouvidos e acusam-no de dizer lá fora o que não diz no Brasil; os ouvintes lá de fora entendem-no perfeitamente, assimilam o que ele diz e não negam aplausos.

A imagem que seus adversários domésticos fazem do primeiro obedece a uma obcecada postura eleitoreira, enquanto os governantes dos países desenvolvidos consideram nosso presidente como um dos raros estadistas capazes de contribuir para o êxito da globalização solidária, que o Brasil tanto defende.

Mas o que ele disse lá fora – juntando o presidente, o estadista, o sociólogo e o professor, num discurso ouvido com atenção por parlamentares e ministros franceses, que o interromperam nove vezes para aplaudir – já tinha sido dito várias vezes, inclusive em sua última palestra na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, em outubro.

Naquela ocasião, em Brasília, ao tratar da revalorização da ética entre as nações, sustentou que “os Estados Unidos têm tal predomínio cultural, econômico, tecnológico e militar que, com frequência, tomam decisões sem prestar contas nem ao grupo dos países maiores e mais fortes, o G-8”.

Na última formatura dos alunos do Instituto Rio Branco, o presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a insistir na criação de novos mecanismos de negociação entre países ricos e emergentes para a busca da paz e da prosperidade internacionais.

Talvez o mais importante tenha sido o de sua impermeabilidade à idéia da globalização econômica, pois o protecionismo aberto, dir-se-ia até escancarado, tem sido o maior obstáculo à integração das economias e o fator mais impeditivo de redução das desigualdades sociais. No tema do protecionismo, não há como contestar o discurso – só o bloqueio alfandegário imposto pelos EUA, Europa e Japão aos produtos brasileiros custa ao Brasil US\$ 15 bilhões

anuais na forma de sobretaxas, quotas e tarifas para proteção de suas indústrias. Sem elas, nossas exportações, atualmente nos US\$ 55 bilhões, poderiam avançar 27% no curto prazo, passando a US\$ 70 bilhões em um ano.

Sobre esse aspecto, vale a pergunta: porque estão exatamente nos países muçulmanos – Iraque, Líbia, Paquistão, Arábia Saudita, Egito e muitos outros –, que aparecem entre os mais pobres nos rankings das nações menos desenvolvidas, os principais focos do terrorismo internacional?

Contra as propostas de globalização das nações ricas, como os Estados Unidos, o presidente deu uma resposta contundente: “Se é certo que a globalização aproxima mercados e sistemas produtivos, não é menos certo que a paz no mundo depende da difusão de uma ética da solidariedade”.

O presidente acrescentou que “a barbárie não é só a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária”. Nessa ótica, ficou mais que explícita uma das linhas básicas de seu discurso – é absolutamente falsa a idéia de que, quando um país ganha, seu parceiro tem que perder.

O argumento seria cruel para ser, sequer, considerado: “Cumprir estar atento ao princípio da equidade, pois aos ganhos de um lado deve corresponder o atendimento às expectativas do outro”, disse, referindo-se a um Mercosul “cujos produtos não podem competir em terceiros mercados em condições justas”.

O crescimento econômico, os direitos humanos, a paz entre os povos e a prosperidade das nações consiste em que os dirigentes dos países desenvolvidos e em desenvolvimento consigam discutir essas questões de forma construtiva.

Sem isso, não será possível construir a “nova ordem” que, para o presidente Fernando Henrique Cardoso, deve refletir “um contrato entre nações realmente livres”, com o pleno emprego dos recursos humanos e naturais de cada uma, “e não apenas o predomínio de uns estados sobre os outros”.

Muito menos será possível para cada país distribuir com mais justiça e igualdade o produto do trabalho dos seus cidadãos.

Contra as propostas de globalização das nações ricas, como os Estados Unidos, o presidente deu uma resposta contundente